

Dependência, elaboração, liberdade

Ingeborg Magda Bornholdt¹, Porto Alegre

A autora aborda a elaboração da dependência em sua época inicial, a neonatal. Destaca o período das primeiras semanas após o nascimento como fundamental e fundante da incipiente mente do bebê. Neste tempo relativamente breve do período puerperal materno, ocorre um importante trabalho elaborativo entre as mentes assimétricas da mãe e do bebê. Em condições normais, de suficiente saúde constitucional e mental, a mãe entra em estado de preocupação materna primária, conforme descrita por Winnicott. São abordados os movimentos maternos de imersão no inconsciente primitivo do bebê, bem como o regresso à sua própria capacidade de funcionamento também secundário, para atribuir-lhe significado e transformação antes de devolvê-los ao bebê através de seu atendimento. Estes trabalhos de mergulhos maternos são igualmente de encontros da mãe com sua própria mãe interna. Há identificações e elaborações importantes para ambos os membros da dupla mãe/bebê. Através de identificações, contenções e transformações, desenvolvem-se as primeiras e rudimentares noções do dentro e fora, do self e do objeto, da exterioridade, da existência do terceiro e de certo grau do senso de continuar a ser. Mãe e bebê elaboram questões em importantes fluxos de identificações projetivas e introjetivas, sendo sujeito e objeto um para o outro. Vinculam-se profundamente e, aos poucos, se discriminam em duas unidades, incrementando sentimentos de maior liberdade do self e do objeto.

Palavras-chaves: Dependência humana; Relação inicial mãe/bebê; Período puerperal; Mentes assimétricas; Simetrias para identificações; Transformação; Elaboração

¹ Psicanalista. Analista de criança e adolescente, membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Na cena: uma criança pequena/bebê

Em um espaço aberto público, testemunho a seguinte cena: escuto um bebê soltar exclamações de alegria. Está acompanhado de uma jovem, possivelmente a mãe. Ela solta a mão de Max, como doravante o denominarei. Deve ter em torno de um ano e meio, e corre aos tropeços com suas perninhas abertas e ainda não firmes, usando fraldas, bico pendurado no pescoço, avançando na direção de um jovem que parecia aguardá-lo enquanto abana alegremente. Ambos parecem sentir e antecipar o encontro com imensa satisfação, alegria e anseio. Os chamados formam uma onda sonora entre risadas/sílabas/exclamações e júbilos que evidenciam a reciprocidade afetiva.

O jovem, assim como a maioria das pessoas circulando na área, usa máscara. Apesar de toda a satisfação e alegria, não abre seus braços para receber o bebê. Quando este encontra-se a cerca de um metro, a cena altera bruscamente e as vozes de ambos silenciam. O bebê interrompe a sua corrida e olha vagamente em volta, sério, como se estivesse à procura de algo com sentido. A seguir, aponta a sua mãozinha rechonchuda para cima enquanto a saliva escorre pelo lado da boca. A alteração emocional de Max lembrou-me perplexidade e distanciamento, duas atitudes opostas à toda vitalidade de instantes anteriores. O bebê e tudo em volta pareceu triste. A avidez pela realização do encontro/abraço foi contida e frustrada. Provavelmente todos ali, o bebê, o adulto que o esperava, a mãe que se aproximou e eu mesma como testemunha desta brevíssima cena, sentíamos-nos apreensivos e à procura de um continente/significado para conter aquele turbilhão de emoções de um encontro imaginado. A onda sonora provocada entre o bebê e o jovem foi seguida por um silêncio geral e pela parada de movimentos corporais. Instantes depois, o adulto coloca-se em pé e, seguindo a indicação da mão do bebê para uma lâmpada em um poste, fala-lhe algo de modo carinhoso. A mãe se reúne com eles, coloca o bebê em seu colo e igualmente segue o olhar para aquele ponto que atraía a atenção de Max. Calmo, o casal troca algumas palavras.

Podemos conjecturar que os adultos validavam algum significado àquilo que chamara a atenção do bebê. É como se, juntos, construíssem uma representação para a frustração da *beleza* daquele impacto estético (Meltzer & Williams, 1994), do encontro prazeroso corpo a corpo, suspenso e contido. Algo ali precisou ser enfrentado, representado e transformado. Na rápida cena, ocorrera uma assimetria de mentes: adultos possivelmente com capacidade de transformar, atribuir sentido e gerar pensamento sobre aquelas emoções. Porém, como um bebê é capaz de

elaborar a necessidade de distanciamento, de controlar o seu corpo e, sobretudo, a sua tendência afetiva natural?

Passsei por eles, mas a cena involuntariamente testemunhada repercutia dentro de mim. É evidente que estou permeável às exigências dos protocolos sanitários e aos conflitos ambivalentes de tendências naturais de encontros com pessoas queridas e significativas, bem como à necessidade de contenção e impedimento. A interdição de contato físico para do bebê é invasiva, tendo sido gentilmente sinalizada pelo adulto que o aguardava e permaneceu sereno. Aquela filigrana de experiência emocional (Meltzer, 1990) provavelmente se repete inúmeras vezes e de diferentes maneiras ao longo do dia daquele bebê/Max ainda muito dependente de seus cuidadores, decorrido em torno de um ano após o período puerperal aqui focado. Com alívio, podemos pensar também em sua mãe/ambiente (Winnicott, 1953[1951]/1978) com capacidade de acolhimento, compreensão e de transformação.

Imersos em uma pandemia há mais de ano, todos experimentamos perplexidades, medos e perdas. A comunicação que mantemos com a criança em nós ajuda-nos a compreender as exigências atuais para bebês e seus pais, assim como para crianças, adolescentes, adultos e idosos. Como adultos, queremos proteger, inspirados em nossos pais internos. No entanto, somos acionados em vários estratos mentais e, assim, também somos Max e suas vulnerabilidades. As interdições atuais causaram surpresa e perplexidade em Max, pois são de difícil compreensão. Contudo, ali puderam ser acolhidas sensivelmente pela “mãe/ambiente” conforme a descrição de Winnicott.

Vivemos um grande paradoxo: justamente o convívio natural com os queridos, um elemento nutridor e constituinte da vida mental, começou a ter um componente de ameaça. Esta realidade permeia a nossa vida atual: o contato direto com familiares, amigos, pacientes, colegas, vizinhos, passou a representar risco e ameaça.

Escolas fechadas e crianças sozinhas, conforme tornou-se praxe nesse ambiente pandêmico, formam cenários paradoxais. Vida e morte estão em jogo ao inverso; quanto mais vida/contato, maior contaminação/perigo de morte. Por outro lado, quanto menor o sujeito, mais ele precisa ser cuidado e amparado pelo outro, além de ser alimentado e sustentado física e também emocionalmente, através do que Winnicott (1965/1982) denominou de *handling* e *holding*. No contexto da pandemia, romperam-se muitos encontros presenciais e ritmos organizadores. Como os mais dependentes – bebês, crianças e também idosos com prejuízos físicos – podem enfrentar a pandemia? São vitalmente dependentes de outros, os seus cuidadores, os quais também enfrentam grandes exigências e dificuldades. Quanto

mais nos extremos do ciclo da vida o indivíduo se encontrar, mais é realmente dependente. Nosso pequeno Max indica contar com esse patrimônio humano de cuidadores dos quais pode depender. Eles oferecem acolhimento sensível aos sentimentos perturbadores de Max e validam a sua incipiente capacidade simbólica.

Com base no desenvolvimento dito normal, pretendo abordar a elaboração da dependência pinçando uma faixa etária específica: a das primeiras semanas pós-nascimento. Também é meu objetivo refletir sobre possíveis conexões com sentimentos de liberdade.

Elaborações e dependência

Recebemos de Freud o conceito de *Durcharbeit* (*durch*: através de, *Arbeit*: trabalho). *Durcharbeiten* – elaborar – é algo central no trabalho analítico. Neste, há revivências e repetições emocionais de profundas raízes inconscientes ou, dito em outras palavras, de comunicações pré-verbais que alicerçam posteriormente as verbais. As revivências amalgamadas em fixações primitivas destravam mais os conflitos e as amarras neuróticas, *borderlines* ou psicóticas. Independentemente das tendências teóricas do analista, ele sempre recebe grande quantidade de material transferencial. Acolhê-lo, a começar pelo sua contratransferência, para processá-lo em si, assim como procurar o sentido e o significado do enigmático, é parte do trabalho do analista e semelhante ao trabalho da mente materna com o bebê na época neonatal. A mãe pode falar, descrevendo para o bebê o que ele sente, com o que ele está assustado ou o que ele quer e deseja. Porém, a mãe faz tais comunicações sobretudo com sua presença “incorruptível”, sua voz, seu cheiro, seus ritmos e encaixes protetores. O analista, antes de suas palavras, quando consegue esta sintonia com a transferência/contratransferência, também pode acionar um nível muito primitivo do seu paciente. Projeções, identificações introjetivas e projetivas novamente entram em um grande trabalho elaborativo. Meltzer denominou isto de “sonho” na dupla e da dupla. Deste nível primário, é possível ocorrer a trajetória de volta ao mais evoluído, ao verbal. Surgirão palavras que descrevem e, depois, palavras verdadeiramente com sentido: as interpretações. O *timing* para então descrever e finalmente interpretar surge a partir do trabalho das duas mentes no campo analítico, quando o analista é solicitado em seus recursos mentais para compreender, conter, dar sentido e transformar em palavras. São atos de responsabilidade do analista/mãe e do analista/pai em seu tempo. O analista, assim como a mãe inicialmente, pode precisar evadir-se desse estado e dizer, interpretar rapidamente, e, assim, abortar a dependência do paciente ainda de forma

precoce, favorecendo a este o “adaptar-se”. Desta forma, perde-se a oportunidade do paciente de “continuar a ser”, de apropriar-se mais do seu eu. Também pode acontecer de ele perder a chance de se apropriar de suas angústias e do encanto com o “belo” do encontro e da sincronia na formação de pensamentos, da criatividade e seu próprio simbolismo. O analista é solicitado em sua condição de assumir a dependência emocional e da própria capacidade negativa. Sua presença efetiva e afetiva à procura de significados dos enigmas, bem como a sua perseverança e adição ao processo analítico, são ferramentas fundamentais nesse trabalho. Facilmente tornamo-nos presas da angústia despertada, e procuramos evadirmo-nos da dor através de rápidas e às vezes prematuras palavras, de intervenções verbais prontas – e já acabadas. Contudo, as elaborações, as presenças efetivas através do olhar e das escutas, atravessam o processo analítico, tanto no par analítico quanto no paciente e no analista.

Tendências infantis inconscientes formam o material no qual mergulhamos. A dependência e suas re-edições na transferência/contratransferência, em forma de manifestações de desamparos, defesas narcísicas, padrões e traços de caráter, sintomas e atuações, tem registros e inscrições muito antigas, na nascente da vida. Pensar na dependência e procurar compreendê-la é como um trabalho de tecelagem da trama psicanalítica. Os fios entrelaçam-se na imersão e na emergência gradual de transformação, comparáveis às antigas experiências emocionais reais e/ou fantasiadas que se desdobram no campo analítico (Baranger & Baranger, 2010) e são foco na observação de bebês, método Esther Bick.

Os estudos sobre registros proto-mentais avançaram muito nas últimas décadas e também seguem o que Freud escreveu em 1926: “há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do ato do nascimento nos permite saber” (1926[1925], p.137). Freud destaca a âncora teórica do desenvolvimento e da elaboração no desenvolvimento tanto filogenético quanto ontogenético, que o recapitula. As novas edições na transferência e contratransferência formam o material para trabalho analítico. Cada indivíduo atravessa e processa o seu próprio desenvolvimento. Freud (1923/1976) formulou isto simplesmente, por meio da afirmação “nosso primeiro ego é corporal”. De forma complementar, pensamos que esse corpo saiu de dentro de outro e, assim, o cuidador ideal é a mãe biológica que o gestou e pariu.

Ainda no ano de 1926, em *Thalassa*, Ferenczi escreve que as “organizações protetoras intrauterinas do embrião equivalem ao modo de vida aquático do peixe” (1926/1993, p. 317). O autor faz a analogia do corpo materno ao oceano nos primórdios e à mãe-terra com seus nutrientes, no simbolismo mais tardio. A época do nascimento representaria aquela em que os nossos ancestrais precisaram adaptar-

se à secagem dos oceanos e desenvolver “seus próprios órgãos de respiração”. O primeiro ambiente, intrauterino, é líquido e fluído; compõem-se de misturas e de indiscriminações mãe/bebê, principalmente para o “hóspede/feto”, como denominou Ferenczi.

Gradualmente, à medida que o corpo do bebê cresce no útero materno, encontra paredes em seu espaço. Surgem sutis limites, discretas diferenças entre o bebê e a mãe nesse habitat pré-natal. Anunciam-se primórdios de “espaços entre”, do futuro “espaço transicional” (Winnicott, 1971/1975). A mãe, por seu turno, percebe e sente cada vez mais os movimentos do bebê dentro de si e sua presença com movimentos próprios. Física e mentalmente, ela se prepara para o trabalho de parto. Concomitante às tendências de ambos no sentido de seguirem em algum grau de estado fusional e de continuidade entre si, ou melhor, de ilusão de continuidade, pois a placenta já forma uma membrana específica, crescem as necessidades e o desejo de nascimento. Podemos pensar a existência do feto e bebê no útero, originalmente, como de completude. Ele é atendido em suas necessidades de alimentação e temperatura, em constantes embalos dos ritmos maternos do corpo da mãe; desejos e necessidades ainda não fazem sentido para o bebê dentro de tal completude. Porém, no final da gestação, com o seu corpo ocupando a maior parte do espaço ambiental, com pressões maiores de contrações das paredes do útero/ambiente/casa, também se anunciam ao bebê alguns horizontes/necessidades daquilo que, *do ponto de vista* nosso, adulto, poderíamos denominar de busca de mais espaço, de sair, de nascer, de *liberdade*.

Com o nascimento, o bebê precisa passar à própria respiração em um mundo com gravidade, luzes, sons e demais estímulos; a temperatura ambiental, assim como a alimentação constante, antes providas com naturalidade, são subitamente interrompidas. O som dos ritmos cardíacos, respiratórios e digestivos maternos igualmente cessam, em conjunto com o embalo do seu caminhar e demais movimentos maternos específicos. O meio ambiente intrauterino e extrauterino muda de maneira acentuada. Seu corpo em grande parte é atendido por outros. Estes primórdios com importante dependência requerem muita elaboração, tornando-se foco nesta participação em processamento do conjunto mãe-bebê. O bebê revela surpreendentes condições potenciais próprias. Decorridas horas e dias após o nascimento, torna-se capacitado a reconhecer a mãe através de seus órgãos perceptivos; cheira-a, tranquiliza-se no contato com seu corpo, seu ritmo, seu leite, sua voz, e assim por diante. Para ele, a mãe passa a ser o objeto catalisador de fontes pulsionais e emocionais mais primitivas, ainda em um estado mental no qual a mãe não é algo fora, mas é ele mesmo, mergulhado em estados narcísicos. Esta primitiva interação da dupla mãe-bebê, da qual a mãe precisa se recuperar

após o puerpério, abarca em si um fundamental trabalho de elaboração de ambos. Como Bion (1966/2006) descreveu entre tantos autores que estudam e descrevem o desenvolvimento inicial, há um unísono mãe e bebê, como poderá ocorrer entre analista e paciente quando estão em encontros e sintonias na transferência/contratransferência. Neste início, repetem-se inúmeros movimentos de “passos, descompassos e compassos” (Bornholdt, Pires & Wolf, 2018). É intenso o trabalho elaborativo entre duas mentes em máximo grau assimétrico, uma em seus primeiros passos de constituição e a outra já construída, temporariamente regredida para sincronizar com o bebê.

Winnicott, em *Natureza humana* (1988/1990), descreve esse primitivo trabalho mental da mãe como capaz de propiciar ao bebê o *senso de continuidade de ser*. Do ponto de vista do bebê, ainda não são duas unidades: mãe e bebê. A mãe parcialmente o acompanha na sincronia, aventurando-se no mergulho inconsciente para alcançar o estado primitivo do seu bebê. Submerge para contatar o primitivo do seu bebê e, claro, o seu próprio com a sua mãe interna. Ao imergir nesses estados mentais primitivos até as manifestações muito pré-verbais, identifica-se com as mesmas e então, sim, retorna ao seu aparelho de funcionamento secundário. Winnicott (1953[1951]/1978) escreveu que isto seria como uma doença materna se não houvesse um bebê ali. Também ela, após o puerpério, tende a sentir liberdade interna, enfim liberada do inquieto que a utilizou vastamente. Agora, pode voltar-se aos demais objetos de sua vida.

É justamente o trabalho elaborativo *da mãe* em sua interação inicial, puerperal, com o bebê que a capacita a imergir e emergir de forma contínua ao longo desta quarentena. Nos movimentos para dentro do primitivo do agora *objeto externo, o bebê*, a mãe absorve-se, assim como é absorvida pelo bebê. Identifica-se com ele. Emerge novamente, atribuindo-lhe sentido e significado. Faz o trabalho de transformação de elementos β em elementos α (Bion, 1962a/1988). Então sim, a mãe devolve ao bebê o material desintoxicado pela compreensão dela, tornando-o mais “digesto”. Bion (1962b/2015) denominou estas elaborações primitivas entre mãe e bebê de *rêverie* materno. O bebê tem o retorno em forma de atendimento materno, da sua voz ou simplesmente da continuidade da sua atenção, olhar, escuta e presença viva (Alvarez, 1994).

Por exemplo, muitas vezes o bebê está no seio, com o mamilo na própria boca, absorvendo o leite na temperatura ideal, se nutrindo. Deixa-o escapar e, adormecendo com reflexos de sorriso, pode retomá-lo mais um pouco, fixar seus olhos nos da mãe e adormecer novamente. Nesta cena, aninhado no colo materno que lhe fornece movimentos corporais e sons anteriores, conhecidos, há certa ilusão de ambos ainda serem uma unidade. A mãe que o nutre com leite e acolhimento

igualmente experimenta estados mentais de completude, de encantamento e de potência feminina. Porém, este mesmo bebê, em outro momento, grita, esperneia e se retorce, parecendo desesperado. Estes períodos extremos de compassos e descompassos acompanham a dupla em suas elaborações imaginativas arcaicas. De forma muito gradual, e com a presença da mãe suficientemente boa (Winnicott, 1953[1951]/1978), as experiências emocionais (Bion, 1962a/1988; Meltzer, 1990) serão digeridas. Em pequenas doses do alimento “verdade”, serão alimentadas centralmente pela emoção. A capacidade materna de submergir até o primitivo do bebê é comparável ao trabalho analítico quando analista submerge e alcança partes de seu paciente ou quando o alimenta com a “verdade” da sua atitude tolerante, sensível, à procura de outros significados.

Esse estágio inicial da vida do bebê, com a presença da mãe para acolhimentos e possíveis transformações das experiências, possibilita o desenvolvimento de uma pele psíquica própria do bebê, rudimento de *self* verdadeiro como descrito por Bick (1967/1991). A pele psíquica contém partes do *self* e do objeto. Podemos pensar esta pele como foi o continente placenta durante a vida intra-uterina.

Aos poucos, as noções de *self* e objeto são construídas, integram-se mais, trilham o caminho da constituição de um Ego rudimentar coeso, de experiências mais depressivas de integração do *self*. Para isto, mãe e bebê também precisam atravessar muitas angústias e *sobrevivências* (Kancyper, 2004). O período puerperal é de intenso trabalho elaborativo entre estas duas mentes na jornada para se tornarem, gradualmente, duas unidades. Os encontros e sintonias encantam; os desencontros fazem ambos sentir-se angustiados, às vezes desesperados. A *Durcharbeit* é construída por muitos momentos de encanto e outros de sofrimento, e isto ocorre para ambos. Naturalmente, à medida que a mãe se restabelece de seu estado de preocupação materna primária, a dependência segue por anos. No entanto, o *self* do bebê cresce e se desenvolve. A malha de intensas identificações projetivas e introjetivas na dupla cede espaços para experiências mais individuais e discriminadas.

Hartung e Steinbrecher (2018) descrevem os processos elaborativos iniciais como experiências do sujeito ancoradas *organicamente*. Estas experiências construiriam, no corpo do sujeito, um mapa das experiências emocionais vividas. Assim, o mundo seria concebido em *registro “celular”*. Esta metáfora é interessante para pensar a discriminação mãe-bebê como se fosse a realidade de dois corpos em espaços diferentes. No estágio bem original, de fato, um habitou o corpo de outro. Depois do nascimento, há dois corpos, e um cuida de outro em grau de intensa dependência orgânica de um e atendimento do outro. A bidimensionalidade

(Meltzer, 1975) desse período muito inicial após o nascimento requer privacidade, intimidade da dupla mãe-bebê, assunto ao qual retornarei na discussão final.

Com a proximidade de maior espaço *entre* mãe e bebê, pontua-se mais a presença do terceiro, do pai, da realidade. A área triangular expande o espaço para a tridimensionalidade. Nesta área, brotam objetos potenciais, símbolos. O bebê tolera maiores condições de incluir o terceiro ou de tolerar a não presença física da mãe por breves espaços de tempo. Evidencia-se a ampliação da rede citada acima para a construção do núcleo familiar e da cultura na qual o bebê está inserido.

Aqui formulo uma questão que retomarei nas considerações finais: a *sobrevivência* de ambos, mãe e bebê com seus núcleos próprios, pode ser concebida como a de possíveis *liberdades* individuais?

A dependência naturalmente segue muito grande; cuidadores tendem a ser vários. Emergindo do período puerperal da mãe, esse bebê ainda precisará de mais um ano para tornar-se capacitado como Max, por exemplo, cuja pequena história abriu o presente trabalho, que conseguia caminhar, separar-se da mãe e ter mais recursos de comunicação para além do “manhez” e da “bebecidade”. Então, o bebê poderá correr com alegria ao encontro de outro, já com certo domínio sobre o próprio corpo e evidências de capacidades simbólicas em construção. Max parece estar em um ambiente de liberação do senso de liberdade. Expressa de forma muito clara as sua emoções ao encontrar alguém que lhe é querido. No entanto, parece ter compreendido, sem palavras, a interdição do colo. Parece que a mãe o acolheu, ajudando-o a validar algo que, então, ele encontrou. A mãe, que soltara a sua mão para ele correr livremente ao encontro de um terceiro, acolheu-o de volta em seu colo. Também ela lhe falava algo, certamente sensível. Ela olhou para a parte de cima do poste, seguindo o que o bebê apontava. Certamente levaram-se muito a sério, um ao outro. A mãe evidenciava empatia, interesse e respeito ao validar algo que, para Max, devia ter significado e força simbólica. Um poste de concreto simbolizava ali o vazio deixado pela interdição do abraço, comunicada não-verbalmente. Também o terceiro, representante do pai, uniu-se à dupla. O grupo elaborava em conjunto os sentimentos do bebê. A imagem era a de um núcleo familiar acolhedor.

Comentários finais

Nesse trabalho, são consideradas condições de saúde constitucional e mental ditas normais. Estas condições não são excepcionais, mas sim médias e suficientes.

Dentro da longa linha do desenvolvimento da mente, destacou-se de forma mais específica o período das semanas neonatais.

É o período puerperal da mãe e o ápice de dependência do bebê, agora do lado de fora do útero. A mãe desenvolve em si fundamentalmente a *rêverie* (Bion, 1962b/2015). Capacita-se a ativar a condição de mergulhar no inconsciente do bebê e no seu próprio, para identificar-se com o do bebê, agora do lado fora de sua barriga, além de atribuir significado às manifestações e demandas dele, emergir para o seu estado mental natural e o atender. Estes “mergulhos” então resultam no ato específico (Freud, 1913/1996), ou sonho (Bion, 1962a, Meltzer, 1987), de transformação dos elementos β em elementos α . Isto se repete n vezes ao longo das horas, dias e semanas iniciais da vida pós-natal. O fluxo de identificações projetivas e introjetivas, de funcionamentos primários e secundários, é intenso, resultando na construção dos fundamentos da nova vida mental que inicia e avança na perinatalidade. A complexidade se amplia na medida em que um torna-se sujeito e objeto do outro. Para a mãe contatar com o primitivo do seu bebê, ela atravessa o próprio inconsciente e se encontra também com sua própria mãe internalizada. Torna-se mais capacitada a atender o seu bebê, uma vez que ela também é o bebê sendo compreendido pela sua mãe. O bebê, de sua parte, logo se capacita a identificá-la pelo próprio sensorio. Ela torna-se altamente catexizada pelo bebê, que a atrai e é atraído por ela. São elaborações mútuas entre mentes assimétricas.

As fundamentais elaborações da dependência ocorrem em grande intimidade e concentram um vasto trabalho de elaboração.

Levanto a reflexão:

A grande intimidade e a privacidade inicial da dupla mãe e bebê, a desejável e saudável retirada da mãe com seu bebê, a escassa abordagem específica desse período dentro da longa linha de desenvolvimento infantil, provavelmente são adaptações das famílias, casais e sociedade que conseguem assimilar e respeitar algo do “sagrado”, do enorme trabalho psíquico que está ocorrendo na interação inicial. Apesar dos excessos atuais, quando visitas, estímulos sonoros, exigências e apelos para rápida recuperação e terceirização inundam o meio ambiente, é importante que sejamos vetores de transmissão da importância de certo isolamento da dupla mãe-bebê. A psicanálise, crescentemente voltada aos estudos da observação dos movimentos elaborativos, pode e deve ajudar a se manifestar sobre este aspecto. O fundamental trabalho elaborativo da dupla mãe-bebê precisa de privacidade, não de invasão, concentração. Ocorre entre mentes assimétricas em estado muito pré-verbal. Porém, é sagrado em sua “loucura” de partirem de uma ilusória unidade até o bebê alcançar certa noção de ser outra unidade separada.

É um trabalho concentrado ao qual a mãe se dedica com entrega e risco. Seria

como uma doença se não houvesse um bebê ali (Winnicott, 1953[1951]/1978). Com o final do puerpério, a mãe se recupera deste “sonho” armazenado em seu inconsciente e então retorna aos seus demais objetos, vínculos e realidade.

Em Max, podemos imaginar que é como se um cordão ainda o unisse à mãe nestas semanas iniciais. O bebê pode perceber que este cordão metafórico segue forte na tecelagem ou construção através do colo materno, da fala materna empática da mãe que o apoia e sustenta quando precisa enfrentar desafios e frustrações. Também acontece quando está feliz na possibilidade de um encontro com o colo ou com o abraço de um terceiro, um “pai”, que não ocorrerá corporalmente e isto evoca perplexidade. Este registro inicial de um cordão robusto com a mãe ainda unida e segura também na dor da frustração. Os pequenos ou grandes desafios enfrentados através da crescente capacidade simbólica levam ao crescimento e ao desenvolvimento de experiências emocionais sustentadas por relações robustas com objetos confiáveis.

A temporalidade e a espacialidade estão mais ou menos condensadas, pouco discriminadas; mãe e bebê, igualmente. Um é a continuidade ilusória do outro. Com a recuperação materna após esta imersão, um grande sucesso é o senso de “continuidade de ser” de cada um (Winnicott, 1988/1990). A mãe também tende a experimentar-lo como uma maior liberdade.

O bebê ainda segue em seu mundo narcísico com poucas diferenciações do dentro e fora. Os movimentos Ps ↔ D seguem em progressão e, discretamente, reportam-se às exterioridades e fragmentos de realidade. De maneira sutil, o bebê acessa as próprias experiências *anteriores* da presença materna, as de *agora* e as imaginárias do *depois* (Bornholdt, 2001 temporalidade).

Retornando ao tema dessa edição sobre *Elaborações*, cito Freud em *O mal estar da civilização* (1930/1996): “a vida do homem civilizado lhe impõe certa limitação em prol da civilização” (p. 62). Max revelou-nos certa capacidade de limitação em prol da civilização, da cultura e da família.

Acrescentemos agora: e uma grande potencialidade para a civilização. Os espaços-entre, a potencialidade, os símbolos e a criatividade alavancam de forma rudimentar a vida própria do bebê. Ele, que inicialmente brinca com os sons do próprio corpo, com suas mãos, suas salivas e assim por diante, atingiu certo patamar de *senso de ser e liberdade*. Nada é mais criativo que o brincar livre da criança capaz de potencializar e desenvolver a sua mente.

Max babou-se de satisfação no imaginário daquele encontro corpo a corpo e conseguiu não desmoronar com a interdição, optando pela via da procura de significado e da simbolização. O fundo de pandemia e de interdições da liberdade estão presentes; para ele, provavelmente é algo incompreensível, desnordeador.

Porém, com o suporte de presenças efetivas, ele conteve o seus impulso natural com evidente sofrimento. Poderíamos chamá-lo de suporte mãe/ambiente consistente, através do qual Max conseguiu interromper a sua corrida *civilizadamente*. De alguma forma, ele tentou encontrar uma alternativa, potencialmente simbólica, contando com o luxo de adultos sensíveis e capazes de acolher, tentar dar significado. Um poste de concreto, duro e sem vida (pandemia), descoberto por Max, parece ter sido uma rica ilustração para as privações com certo isolamento que crianças e adolescentes certamente viveram e vivem. Por outro lado, o poste resiliente a ventos, chuvas, sol e escuridão também pode levar o nosso olhar para o recurso criativo dessas mesmas crianças. □

Abstract

Dependence, elaboration, freedom

The author addresses the elaboration of dependence in its early, neonatal stage. She argues that the first weeks after birth are crucial and foundational to the baby's incipient mind. In this relatively brief puerperal period, important elaborative work takes place between the asymmetric minds of mother and baby. Under normal conditions of sufficient constitutional and mental health, the mother goes into a state of primary maternal preoccupation, as described by Winnicott. This paper describes the mother's movements of immersion into the baby's primitive unconscious, and her return to her own secondary functioning capacity to give it meaning, change it, and then give it back to the infant through her care. These movements of maternal immersions are also towards her finding her own inner mother. Important identifications and elaborations take place for both in the mother-baby pair. The first rudimentary notions of inside and outside, self and object, exteriority, the existence of the other, and a certain degree of the sense of continuing to be are developed through identifications, constraints and transformations. Mother and baby elaborate issues in significant flows of projective and introjective identification, being subject and object to each other. They bond deeply and then gradually separate themselves into two units, increasing their feelings of freedom for the self and for the object.

Keywords: Human dependence; early mother-infant relationship; puerperal period; Asymmetric minds; Symmetries for identifications; Transformation; Elaboration

Resumen

Dependencia, elaboración, libertad

La autora aborda la elaboración de la dependencia en su período inicial, el neonatal. Destaca el período de las primeras semanas después del nacimiento como fundamental y constituyente de la mente incipiente del bebé. En este período relativamente corto del puerperio de la madre, ocurre un importante trabajo de elaboración entre las mentes asimétricas de la madre y el bebé. En condiciones normales de suficiente salud constitucional y mental, la madre entra en un estado de preocupación materna primaria, tal como descrito por Winnicott. Se discuten los movimientos maternos de inmersión en el inconsciente primitivo del bebé, así como el retorno a su propia capacidad de funcionamiento, también secundario para atribuirle significado y transformación antes de devolverlos al bebé a través de su cuidado. Estos trabajos de buceo materno son también los encuentros de la madre con su propia madre interior. Hay identificaciones y elaboraciones importantes para ambos miembros de la pareja madre/bebé. A través de identificaciones, contenciones y transformaciones, se desarrollan las primeras y rudimentarias nociones de adentro y afuera, del *self* y del objeto, de la exterioridad, de la existencia del tercero y de cierto grado del sentido de continuar siendo. La madre y el bebé elaboran preguntas en importantes flujos de identificación proyectiva e introyectiva, siendo sujeto y objeto el uno para el otro. Están profundamente vinculados y, poco a poco se van distinguiendo en dos unidades, aumentando sentimientos de mayor libertad para el *self* y para el objeto.

Palabras clave: Dependencia humana; Relación inicial madre/bebé; Período puerperal; Mentes asimétricas; Simetrías para identificaciones; Transformación; Elaboración

Referências

- Alvarez, A. (1994). *Companhia viva: psicoterapia* psicanalítica com crianças autistas, borderline, desamparadas e que sofreram abuso. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Baranger, W., & Baranger, M. (2010). A situação analítica como campo dinâmico. *Livro Anual de Psicanálise*, 24, 187-214.
- Bick, E. (1991). A experiência da pele em relação de objeto arcaicos. In E.B. Spillius (Ed.). *Melanie Klein hoje* (Vol. 1, pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1967)

- Bion, W.R. (1988). Uma teoria sobre o processo do pensar. In *Estudos psicanalíticos revisados Second thoughts* (pp. 101-109). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1962a)
- Bion, W.R. (2006). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1966)
- Bion, W.R. (2015). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1962b)
- Bornholdt, I.M. (2001). *Construções da temporalidade no desenvolvimento normal: sobre a difícil construção da noção de futuro*. Porto Alegre: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Monografia.
- Bornholdt, I.M. & Pires, A.P., & Wolf, A.L.S. (2018, setembro). Passos, Compassos e (des) compassos: relato de duas experiências na observação de bebês. In *Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis – Fepal, Lima, Peru, 32*. Apresentado na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).
- Ferenczi, S. (1993). Thalassa ensaio sobre a teoria da genitalidade. In *Psicanálise III* (pp. 255-326). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1926)
- Freud, S. (1976). Inibições, Sintomas e Angústia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1926[1925])
- Freud, S. (1976). O eu e o id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 19, pp.13-83). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930[1929])
- Freud, S. (1996). Totem e tabu e outros trabalhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913)
- Hartung, T. & Steinbrecher, M. (2018). From somatic pain to psychic pain: The body in the psychoanalytic field. *International Journal of Psychoanalysis*, 99, 159-180.
- Kancyper, L. (2004). El burrito cargueiro: el complejo fraterno em el processo analítico com adolescentes. In *El complejo fraterno: estudio psicoanalítico*, (pp.173-206). Buenos Aires: Lumen.
- Meltzer, D. & Willimas, M.H. (1994). Conflito estético seu lugar no processo de desenvolvimento. In *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e nas artes* (pp. 26-57). Rio de Janeiro: Imago.
- Meltzer, D. (1975). *Explorations in autism: a psycho-analytical study*. London: Clunie Press.
- Meltzer, D. (1987). *Vida onírica: una revisión de la teoría y de la técnica psicoanalítica*. Madrid: Tecnipublicaciones.
- Meltzer, D. (1990). Qué es una experiência emocional? In *Metapsicología ampliada: aplicaciones clínicas de las ideas de Bion*, (pp. 16-30). Buenos Aires: Spatia.
- Winnicott, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

- Winnicott, D. W. (1978). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1953[1951])
- Winnicott, D.W. (1982). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, Trans.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1965)
- Winnicott, D. W. (1988). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Recebido 13/10/2021

Aceito em 21/12/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Ingeborg Magda Bornholdt
Av. Carlos Gomes, 1550/303
90480-002 – Porto Alegre, RS – Brasil
ing.b@terra.com.br

© Revista de Psicanálise da SPPA